

INDÚSTRIA PRÓXIMA DA ESTAGNAÇÃO EM MAIS UM ANO DE DIFICULDADES

Conflito na Ucrânia retardou o ajuste das cadeias de suprimentos e elevou custos e inflação.

As perspectivas no final do ano passado para a indústria brasileira em 2022 apontavam para uma retomada lenta e gradual da produção que resultaria, no final do ano, em um crescimento modesto, bem aquém das taxas de 2021, infladas pelas baixíssimas bases do ano anterior.

As expectativas eram baseadas, em grande parte, na consolidação do processo de reabertura econômica no pós-pandemia, no alívio dos problemas na cadeia de suprimentos e nas contribuições do setor externo e do agronegócio. De fato, a produção industrial esboçou uma retomada ainda no final do ano passado, que não se sustentou e passou para uma estabilização ao longo de 2022, mesmo diante da recuperação da economia brasileira, da redução do desemprego e dos estímulos governamentais. Pesaram, principalmente, os entraves ainda relevantes nas cadeias de suprimentos, agravados pelo conflito na Ucrânia, que aumentaram os custos de produção e a inflação – a desoneração dos combustíveis e da energia ocorreu apenas na segunda metade do ano –, além da alta dos juros e da intensa estiagem no estado.

Portanto, praticamente estagnada na margem, o desempenho da produção industrial no ano reproduziu, em grande parte, a herança estatística (-1,5% no Brasil e de +1,1% no RS) do último trimestre de 2021. A herança estatística (carregamento estatístico) maior no RS reflete a base de comparação do ano passado mais deprimida que no País, pois o Estado sofreu relativamente mais a segunda onda da Covid-19 e os entraves na cadeia de suprimentos.

No acumulado até setembro, ante o mesmo período do ano passado, a produção industrial brasileira caiu 1,1%, e, contrariando a previsão de alta de 1,5%, deve encerrar o ano em queda de 0,6% (+3,9% em 2021) com uma dispersão elevada entre os setores. Já a produção gaúcha (+9,0% em 2021) registrou uma alta de 1,7% no ano até setembro, devendo confirmar a taxa estimada (+1,0%) e avançar 1,2% também com desempenho setorial bastante heterogêneo.

Além da herança estatística, o melhor resultado da produção gaúcha em 2022, corroborado pelos demais indicadores de conjuntura do setor, também é explicado pela maior associação com o agronegócio no País, que teve grande desempenho, e pela alta mais intensa das exportações. Vale destacar que a indústria brasileira produzia 1,0% abaixo do pré-pandemia, tomada a comparação entre os últimos três meses (jul-set/2022) e os três anteriores à crise sanitária (dez/2019–fev/2020), enquanto a indústria gaúcha produzia 6,1% acima.

Para 2023, as expectativas não são muito diferentes de 2022. Sem herança estatística devido ao longo período de estagnação e um cenário prospectivo pouco animador, a produção industrial deve ter mais um ano de crescimento baixo.

A economia brasileira e a mundial devem desacelerar, a confiança do industrial desabou, com o resultado das eleições, a incerteza aumentou, o ciclo de deflação terminou e a política monetária deve seguir restritiva num quadro fiscal desafiador. O agronegócio e as exportações indústria devem se manter nos níveis elevados de 2022, contribuindo pouco para o desempenho da indústria em 2023.

Assim, os únicos vetores positivos deverão ser a normalização completa da cadeia de suprimentos e a redução dos custos de produção, suficiente, espera-se, para fazer a produção industrial brasileira e a gaúcha crescer muito próximo da unidade em 2023: 1,1% e 1,4%, respectivamente.

Estagnada na margem, desempenho da produção é modesto em 2022

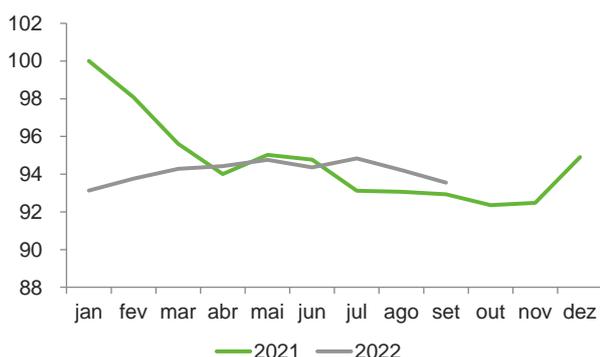
Após registrar uma tendência declinante na maior parte de 2021 e uma recuperação parcial nos últimos meses, a produção industrial iniciou o ano de 2022 em patamares relativamente baixos, repercutindo ainda os problemas que o setor vem enfrentando nos últimos três anos, sobretudo, os gargalos nas cadeias de suprimentos e os aumentos dos custos, da inflação e dos juros

No início do ano, o cenário econômico ficou ainda mais difícil, com o conflito na Ucrânia e, no estado, a estiagem –. Na segunda metade, porém, o quadro atenuou, na esteira das medidas governamentais de estímulo, da recuperação da economia, das quedas do desemprego, dos custos de produção e da inflação e da normalização gradual das cadeias de suprimentos, contando ainda com o desempenho positivo do agronegócio e das exportações industriais.

Nesse cenário, a produção industrial ficou praticamente estável tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul em 2022. A evolução de 2021 e a estagnação em 2022 são reveladas pela série ajustada sazonalmente (gráficos 3.1.e 3.2), que permite acompanhar o comportamento marginal (mensal) do indicador.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

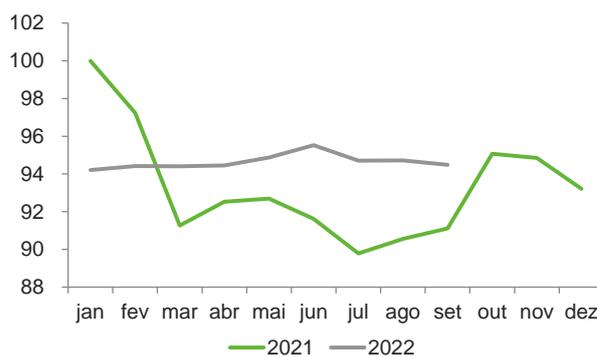
(Índice de base fixa mensal Jan 2021=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal Jan 2021=100 | Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Praticamente estagnada na margem em 2022, a produção industrial apresentou desempenhos anuais modestos, reproduzindo, na maior parte, a herança estatística (-1,5% no Brasil e +1,1% no RS) recebida do final de 2021, quando esboçou uma reação, mais intensa no estado. A herança estatística maior no RS reflete a base de comparação do ano passado mais deprimida que no País, como pode ser visto nos gráficos 3.1 e 3.2 acima, pois o estado sofreu relativamente mais a segunda onda da Covid-19 e os entraves na cadeia de suprimentos. De fato, a produção brasileira recuou 1,1% no acumulado de janeiro a setembro relativamente ao mesmo período de 2021, enquanto a produção gaúcha avançou 1,7%.

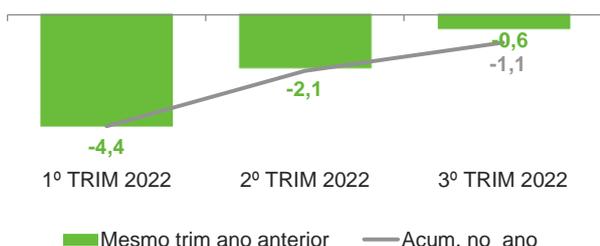
O melhor desempenho da produção gaúcha ante a nacional também é explicado por ela ser relativamente mais associada ao agronegócio, ter uma menor participação relativa de bens de consumo e da indústria extrativa, que deram contribuições importantes para o resultado negativo do País, além de registrar um avanço maior das exportações industriais. Houve também fatores pontuais locais. A produção de automóveis, que sofreu relativamente mais que o nacional com a falta de componentes, vem se recuperando com a normalização das cadeias de suprimento e impulsionando Veículos automotores, setor que forneceu a maior contribuição para o resultado

total. Já o setor de Tabaco no RS, acíclico e voltado para o mercado externo, teve uma alta expressiva das exportações, sendo um dos setores que mais contribuíram para a produção.

Apesar das diferenças nas taxas, a produção industrial do Brasil e do RS demonstraram a mesma dinâmica nas comparações anuais em 2022, caracterizada por um início negativo, seguida de recuperação até setembro (último dado disponível), parcial no País e total no RS, à medida que as bases de 2021 diminuían e o cenário econômico ficava mais favorável para o setor.

Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil

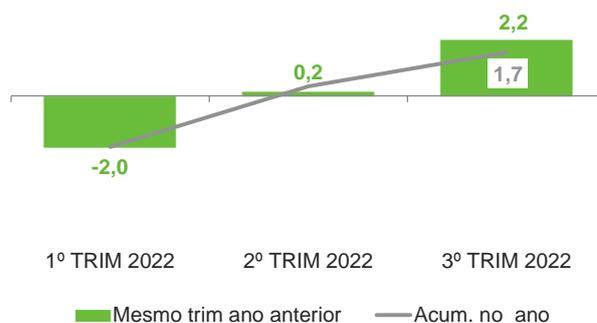
(Var % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.4. Produção Industrial – RS

(Var % em relação)

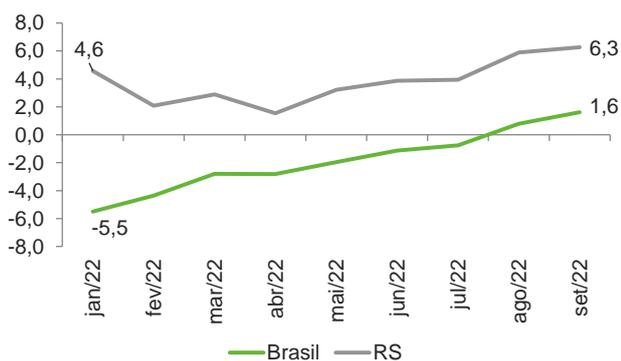


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Entre os demais indicadores de conjuntura da indústria do Brasil¹, com exceção da utilização da capacidade instalada (UCI), todos registraram aumento para o Brasil nas medições anuais até setembro. Os indicadores confirmaram a dinâmica de melhora durante o ano e as taxas superiores do RS, com destaque para o faturamento real (Brasil, +1,6% e RS, +6,3%) e para as horas trabalhadas na produção (+3,0% e +9,8%). Divulgado apenas no RS, o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) cresceu 5,3%.

Gráfico 3.5. Faturamento real – Brasil e RS

(Var % acumulada no ano)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.6. Indicadores Industriais – Brasil e RS

(Var % acumulada no ano até setembro)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. * O IDI e as Compras Industriais são divulgados somente para o RS.

¹ O índice de produção (IBGE) expressa somente a transformação de insumos em produtos, enquanto os demais indicadores expressam diversos aspectos das operações das empresas. A estrutura de ponderação setorial é diferente para cada variável. Na produção, o peso é dado pelo valor da transformação industrial, diferente, por exemplo, do peso nas variáveis ligadas ao mercado de trabalho, que é dado pelo número de empregados ou pelos salários pagos. Assim, embora haja uma forte correlação entre todos os indicadores, as variações não são idênticas ou simultâneas, tendendo a convergir no médio prazo, pois uma empresa que não produz não poderá continuar vendendo ou contratando por muito tempo.

Resultado setorial da produção é heterogêneo em 2022

No acumulado de janeiro a setembro de 2022, frente a igual período do ano anterior, o setor industrial brasileiro mostrou resultados negativos em todas as quatro grandes categorias econômicas. A produção de Bens intermediários (-1,0%) – insumos e matérias-primas para a própria indústria – forneceu a maior influência para o resultado final, seguido por Bens de consumo duráveis – direcionados ao consumidor final –, que mostrou a maior queda, impactada por eletrodomésticos (-16,4%). Sintoma do baixo nível geral da atividade industrial, a primeira categoria repercute também a queda do segmento extrativo e as importações de matérias-primas industriais. A segunda sofreu com a inflação alta, a renda menor, os juros crescentes e o desemprego elevado, cenário que também afetou a produção de Bens de consumo semi e não duráveis (-0,7%). Já o segmento de Bens de capital (-0,5%) repercutiu a contração dos investimentos no ano.

Assim como na média geral, todas as grandes categorias de uso demonstraram ao longo do ano uma tendência de redução das perdas. Em bases trimestrais, o destaque foi o segmento de Bens de consumo duráveis, apresentando melhora na passagem do primeiro (-18,3%), para o segundo (-4,7%) para o terceiro trimestre do ano (+8,2%), puxado pela produção de automóveis e de eletrodomésticos da “linha marrom”.

Diferente das categorias de uso, o desempenho dos setores industriais foi bastante heterogêneo, no acumulado de janeiro a setembro de 2022 ante o mesmo período de 2021. Entre as quinze em queda (de vinte e seis pesquisadas), a Indústria extrativa (-4,0%), Produtos de metal (-10,8%), Metalurgia (-5,8%), Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-11,7%) e Produtos de borracha e de material plástico (-6,7%) exerceram as influências negativas mais significativas.

Tabela 3.1. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2022 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	Utilização da capacidade instalada*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	-4,0
Alimentos	4,7	6,3	-0,6	1,5	14,2	0,7
Bebidas	26,5	-6,6	-6,8	-2,8	1,3	4,4
Tabaco	-	-	-	-	-	8,8
Têxteis	-1,1	-0,5	-2,5	3,4	2,2	-13,2
Vestuário e acessórios	1,6	-7,8	-1,1	2,9	7,7	-7,2
Couros e calçados	2,8	10,5	2,4	6,5	6,1	2,2
Produtos de Madeira	-9,9	19,9	-1,9	4,9	11,6	-8,3
Celulose, papel e produtos de papel	1,6	4,2	0,3	4,5	7,5	3,5
Impressão e Reproduções de gravações	-37,5	-44,5	17,1	-39,3	-19,6	-9,9
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-14,8	22,7	4,1	-0,1	-8,9	8,3
Químicos	0,4	6,8	-0,5	3,4	-1,6	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	3,0
Farmoquímicos e farmacêuticos	-3,3	6,8	2,9	4,9	-5,2	-5,5
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm.	-	-	-	-	-	-4,1
Borracha e de material plástico	-15,1	2,8	-0,4	2,5	3,9	-6,7
Minerais não metálicos	-4,1	7,5	-1,0	5,6	3,3	-4,6
Metalurgia	-9,8	3,0	-1,6	3,0	4,4	-5,8
Produtos de metal	-12,6	1,5	-2,1	1,0	1,3	-10,8
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	0,0
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	2,2	0,1	-3,2	-2,8	-1,2	-11,7
Máquinas e equipamentos	5,2	2,4	-2,0	5,5	9,2	-1,5
Veículos automotores	18,2	-1,0	0,4	0,8	-6,2	0,7
Outros equipamentos de transporte	26,8	-0,5	0,1	1,5	5,2	8,9
Móveis	-8,1	-17,4	1,1	-12,6	-15,1	-17,9
Produtos diversos	6,8	9,8	-1,7	11,6	1,5	-3,5
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	2,2
Indústria de transformação	1,6	3,0	-0,5	1,8	2,9	-0,7
Indústria geral	-	-	-	-	-	-1,1

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE. * Em pontos percentuais.

Por outro lado, entre os setores industriais que apontaram alta, os impactos positivos mais importantes vieram de Derivados do petróleo e biocombustíveis (+8,3%), Químicos (+3,0%),

Bebidas (+4,4%), Celulose e papel (+3,5%) e Produtos alimentícios (+0,7%). A Tabela 3.1 mostra os resultados dos principais indicadores de conjuntura setoriais do Brasil.

No Rio Grande do Sul, o desempenho anual da produção também mostrou uma dispersão elevada entre os setores. No acumulado até setembro, metade (7) cresceu e metade (7) caiu na comparação com o mesmo período de 2021. Novamente, o complexo metalmeccânico sustentou a produção gaúcha no campo positivo, especialmente, Veículos automotores (+18,6%), puxado por automóveis, e Máquinas e equipamentos (+13,8%), por máquinas, tratores e implementos agrícolas, contando também com a ajuda da indústria de Tabaco (+10,0%). Os impactos negativos mais importantes foram dados por Químicos (-9,1%), Produtos de metal (-5,6%) e Móveis (-14,2%).

Os Indicadores Industriais do RS, produzidos pela FIERGS, mostraram, em linhas gerais, resultados setoriais melhores. De acordo com os respectivos Índices de Desempenhos Industriais (IDIs-setoriais), no acumulado do ano encerrado em setembro, apenas 6 caíram dos 16 pesquisados. O protagonismo de Máquinas e equipamentos (+11,1%) e Veículos automotores (+17,7%) foi confirmado, além de Tabaco (+21,2%), acrescentando a forte contribuição de Couros e calçados (+15,0%). Também foi confirmado o cenário desfavorável para as indústrias Químicas (-3,4%), Produtos de metal (-2,6%) e Móveis (-5,8%). A Tabela 3.2 mostra os resultados dos principais indicadores de conjuntura setoriais do RS.

Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores

(Var. % acum. em 2022 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	IDIRS**	Produção
Alimentos	-2,7	-7,0	0,3	5,8	-0,7	4,7	2,4	-1,9
Bebidas	1,1	2,2	-7,2	7,6	1,8	4,5	3,9	7,2
Tabaco	61,9	56,2	-	4,6	4,0	7,0	21,2	10,0
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	3,6
Têxteis	-34,3	-32,9	2,2	10,6	9,8	22,2	-8,9	-
Vestuário e acessórios	2,3	-7,6	3,0	19,9	15,2	23,4	4,9	-
Couros e calçados	26,8	8,2	3,4	23,2	11,2	17,0	15,0	-0,6
Produtos de Madeira	-6,8	5,2	-1,3	2,6	2,2	-1,5	0,9	-
Químicos, der. petróleo e biocomb.	-12,9	-11,1	-4,5	2,5	1,8	8,1	-3,4	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	2,3
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	-9,8
Borracha e de material plástico	-0,4	9,3	-2,6	1,7	1,5	3,6	1,3	-2,2
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	1,5
Metalurgia	4,1	-19,5	-28,0	3,6	20,6	13,9	-10,8	-11,4
Equip. inform, eletrônicos e óticos	15,8	15,9	3,8	8,1	5,0	18,6	14,1	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	0,0	0,3	-0,6	0,6	0,8	-1,7	-0,3	-
Máquinas e equipamentos	11,4	9,5	1,8	14,9	13,0	14,0	11,1	13,8
Veículos automotores	14,7	28,4	2,3	24,6	11,1	22,8	17,7	18,6
Móveis	-11,4	-13,5	-8,9	-3,0	0,9	1,3	-5,8	-13,6
Indústria total	6,3	4,4	-1,0	9,8	6,4	9,8	5,3	1,7

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE. * Em pontos percentuais. ** Índice de Desempenho Industrial.

Recuperação ao nível pré-pandemia é minoria entre os setores no Brasil e maioria no RS

A indústria brasileira, no trimestre encerrado em setembro de 2022, estava 1,0% abaixo do do patamar do trimestre imediatamente anterior à pandemia, tomando como base de comparação o nível médio de produção do trimestre de dezembro de 2019 e fevereiro de 2020 (último sem influência da crise sanitária) na série de dados dessazonalizados pelo IBGE. Aqui foi utilizada a base trimestral para minimizar choques pontuais.

Na desagregação setorial, entre as 26 atividades pesquisadas no país, 18 mostravam nível de produção abaixo do pré-pandemia. Impressão e reprodução (-31,1%), Móveis (-26,8%), Vestuário e acessórios (-18,7%), Manutenção de máquinas e equipamentos (-16,6%) e Têxteis (-

13,0%) apresentam as maiores defasagens. Pode-se perceber nesse grupo a predominância de indústrias de bens de consumo. Por outro lado, as 8 atividades que já estão no campo positivo são: Máquinas e equipamentos (+21,1%), Tabaco (+15,3%), Celulose e papel (+9,5%) e Químicos (+7,3%), Minerais não metálicos (+6,1%), Derivados de petróleo e biocombustíveis (+3,0%), Bebidas (+2,5%) e Metalurgia (+1,9%). Nesse caso, a predominância é de produtores de bens de capital e intermediários.

Já a produção da indústria gaúcha estava 6,1%, acima do nível pré-pandemia na mesma base. A recuperação da pandemia no estado é bastante desigual, mas já alcança a maioria dos setores – 8 dos 14 pesquisados –, com destaque para a indústria de Máquinas e equipamentos (+69,0%), de Celulose e papel (+22,5%) e de Produtos de metal (+20,0%). Os setores que ainda não se recuperaram até o momento são Veículos automotores (-18,8%), Móveis (-14,9%), Couros e calçados (-7,4%), Químicos (-4,4%), Alimentos (-3,9%) e Tabaco (-3,6%).

Gráfico 3.7. Produção industrial – Setores

Brasil

(Jul-Set 2022/Dez 2021-Fev 2020 | Em % | Setorial)



Fonte: CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.8. Produção industrial – Setores

RS

(Jul-Set 2022/Dez 2021-Fev 2020 | Em % | Setorial)



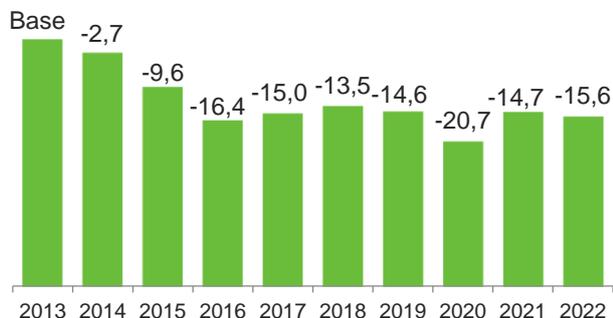
Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

A produção está muito distante de outras referências históricas

Próxima do nível pré-pandemia, a produção industrial brasileira está bem distante de outras referências importantes do passado: 15,6% abaixo de 2013 (anterior crise 2014-2016), 16,1% abaixo do pico histórico (2011) e operando em níveis similares a 2004, considerando os nove primeiros meses de cada ano. Na indústria gaúcha, as duas primeiras medições mostram a metade da defasagem do Brasil: 7,5% abaixo de 2013 e 8,2% abaixo do pico (2008). Já o nível não é muito diferente, operando próximo de 2005. Passados seis anos, no Estado, a produção industrial recuperou o equivalente a 60,0% do que foi perdido de 2014 a 2016 e no Brasil, apenas

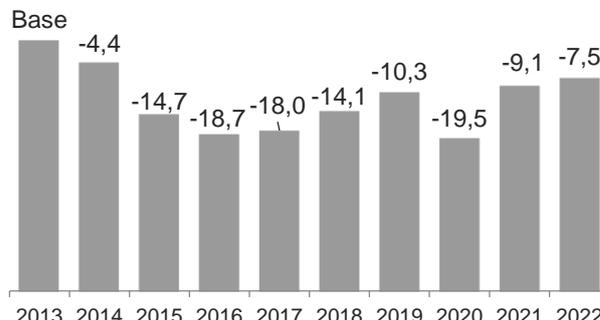
5,0%. O resultado menos ruim da produção gaúcha reflete os melhores desempenhos dos últimos dois anos: em 2021 (+3,9% no Brasil e +9,0% no RS) e em 2022 até setembro (-1,1% e +1,7%).

Gráfico 3.9. Produção Industrial – Brasil
(Var. % em relação à base (2013))



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.10. Produção Industrial – RS
(Var. % em relação à base (2013))

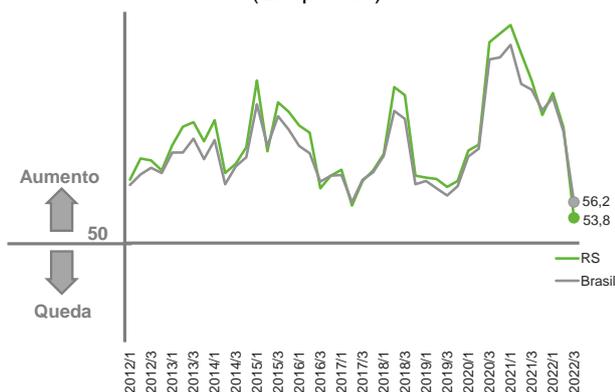


Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Tendência é de normalização da cadeia de suprimentos, mas a falta de trabalhador qualificado ressurgiu como novo problema

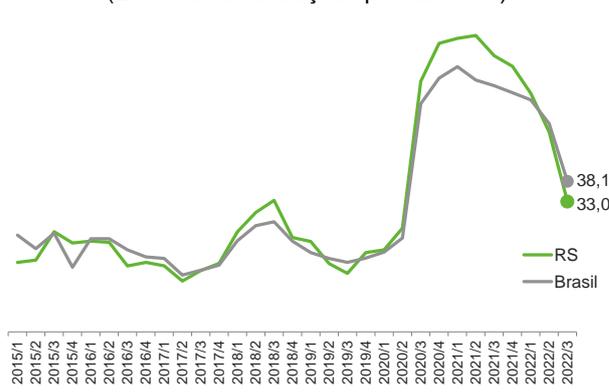
Vale lembrar que um dos motivos da melhora do cenário para a indústria ao longo do ano, foi a melhora gradual nas cadeias de suprimentos. De fato, segundo a avaliação dos empresários, expressa na Sondagem Industrial², esse ainda é o maior entrave para o setor, mas a tendência é de normalização. Dois resultados na Sondagem sustentam essa perspectiva: 1) a forte desaceleração na alta dos preços das matérias-primas e 2) a perda de importância relativa da questão entre os principais os principais problemas enfrentados.

Gráfico 3.11. Índice de preços das matérias-primas – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.12. Falta ou alto custo das matérias-primas – Brasil e RS
(Em % de assinalações por trimestre)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

O índice de evolução dos preços das matérias-primas, após alcançar, no 1º trimestre de 2021, recordes históricos de 80,0 e 83,2 pontos no Brasil e no RS, respectivamente, caiu ao nível histórico mais baixo no terceiro trimestre de 2022: 56,2 e 53,8 pontos, na mesma ordem. Esse

² A Sondagem Industrial é uma pesquisa de opinião empresarial realizada mensalmente pela CNI e pela FIERGS com empresários do setor no Brasil e no Rio Grande do Sul.

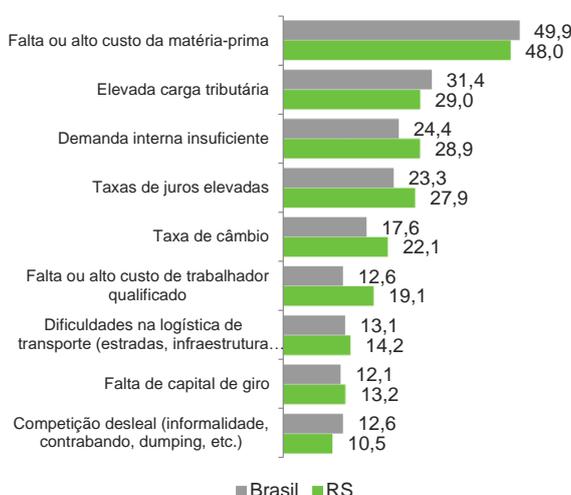
índice varia de 0 a 100 pontos, acima de 50, denota alta de preços. Quanto menor, menos intenso e disseminado é o aumento.

Desde o 3º trimestre de 2020, a falta ou alto custo das matérias-primas é o principal entrave enfrentado pela indústria, quando atingia 67,2% das empresas brasileiras e 75,1% das gaúchas. Nunca um problema foi tão intenso e disseminado. Pouco mais de um ano depois, ainda é o maior obstáculo do setor no terceiro trimestre de 2022, mas afetando bem menos empresas: 38,1% (no Brasil) e 33,0% (no RS).

A indústria também conviveu com outros problemas importantes. A carga tributária foi o segundo maior, recebendo em média 31,4% (Brasil) e 29,0% (RS) das respostas dos empresários. A demanda interna foi o terceiro, com 24,9% e 28,9%, respectivamente, seguidos pelas taxas de juros (23,3% e 27,9%) e pela taxa de câmbio (17,6% e 22,1%, na mesma ordem).

Gráfico 3.13. Principais problemas – Brasil e Rio Grande do Sul

(% médio de respostas no ano)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Vale destacar, ainda, que a falta de trabalhador qualificado vem ganhando relevância nos últimos dois anos e, no terceiro trimestre de 2022, já era o sexto maior entrave. De fato, no primeiro trimestre de 2020, apenas 4,2% das empresas gaúchas (mesmo percentual para o Brasil) o consideravam um dos maiores problemas enfrentados, nível que chegou a 22,2% (14,4% no Brasil) no terceiro trimestre de 2022, o maior da série iniciada no primeiro trimestre de 2015.

Gráfico 3.14. Falta ou alto custo do trabalhador qualificado – Brasil e RS

(Em % de assinalações por trimestre)

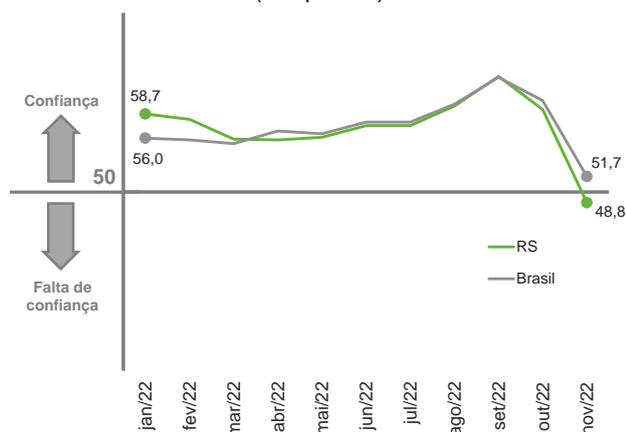


Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Eleições abalam a confiança industrial, impactando as expectativas

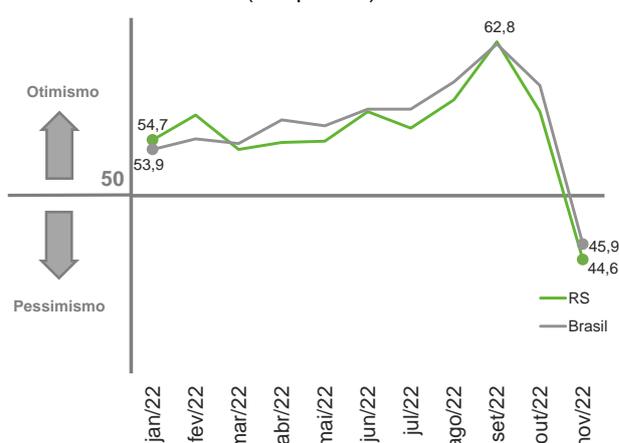
Outro dado importante fornecido pela Sondagem Industrial para avaliar o comportamento passado e futuro do setor é a confiança empresarial. O Índice Confiança do Empresário Industrial (ICEI)³ acompanhou a conjuntura econômica, exibindo recuo nos primeiros meses, com a guerra da Ucrânia, ligeira recuperação nos meses seguintes, com a melhora da economia e a gradual normalização da cadeia de suprimentos, e avanço intenso em agosto e setembro, quando atingiu seu pico com a queda da inflação e a desoneração dos custos de produção.

Gráfico 3.15. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.16. Índice de Expectativas para a Economia Brasileira – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

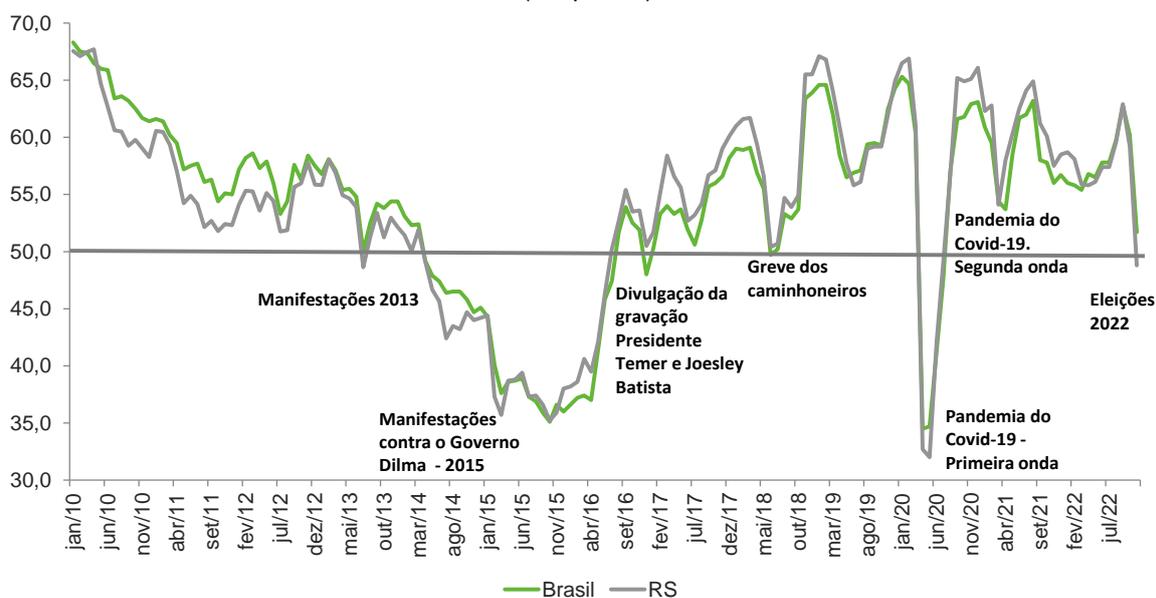
O cenário que sustentava a confiança da indústria em níveis elevados, porém, foi alterado abruptamente com o resultado das eleições no fim de outubro, que, na avaliação dos empresários, foi muito negativa para a economia brasileira. De fato, em outubro e, principalmente, em novembro, a confiança da indústria brasileira teve grandes perdas, registrando, no penúltimo mês do ano, a segunda maior queda, de 8,5 pontos (-12,1 pontos no RS), da série iniciada em janeiro de 2010, atrás apenas do mês abril de 2020. Em novembro, o industrial brasileiro exibiu uma confiança muito baixa (ICEI em 51,7 pontos), enquanto o gaúcho (ICEI/RS em 48,8 pontos) já a tinha perdido.

A confiança industrial foi impactada, principalmente, pelo canal das expectativas. O Índice de Expectativa para a Economia Brasileira, depois de revelar otimismo (acima de 50 pontos) crescente durante o ano, recuou em outubro, e, em novembro, registrou a segunda maior queda da série (menor que abril de 2020), entrando no campo pessimista (abaixo de 50 pontos). O pessimismo com o futuro da economia brasileira atingiu a indústria brasileira e a gaúcha. O baixo nível de confiança é um sinal negativo para atividade industrial, impactando principalmente os investimentos.

O gráfico a seguir mostra como a confiança industrial do Brasil e do Rio Grande do Sul reagiu a sete diferentes choques negativos de natureza não econômica ao longo dos últimos anos.

³ Por se tratarem de índices de difusão, ao se situarem acima dos 50 pontos, refletem confiança e otimismo. Valores mais próximos apontam para confiança (otimismo) menos forte e disseminada entre as empresas industriais. Abaixo da linha divisória, os índices indicam falta de confiança e pessimismo.

Gráfico 3.17. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Perspectivas para 2023 – Sem carregamento e poucos vetores, desempenho será modesto

As perspectivas no final do ano passado para a indústria brasileira em 2022 apontavam para uma retomada lenta e gradual que resultaria, no final do ano, em um crescimento modesto bem abaixo das taxas de 2021, infladas pela baixíssima base do ano anterior.

A consolidação do processo de reabertura econômica, as contribuições do setor externo e do agronegócio e a recuperação da economia não foram suficientes para levar a produção do setor muito além de uma estabilização na margem. Pesaram, principalmente, os entraves nas cadeias de suprimentos, que se agravaram com a guerra na Ucrânia, elevando os custos, a inflação e os juros – a desoneração de combustíveis e da energia ocorreu apenas na segunda metade do ano –, além da estiagem no estado.

Portanto, praticamente estagnada na margem, a produção da indústria reproduziu, em grande parte, a herança estatística de 2021, negativa (-1,5%) no Brasil e positiva (+1,1%) no RS. Era previsto para a produção brasileira uma alta de 1,5% em 2022, mas deve registrar uma queda de 0,6%. A produção gaúcha deve expandir 1,2%, muito próximo da projeção de 1,0%.

Para 2023, as expectativas não são muito animadoras. Sem herança estatística de 2022, o cenário prospectivo é pouco favorável. A economia brasileira e, assim como a mundial, deve desacelerar, a confiança do industrial desabou, a incerteza aumentou, o ciclo de inflação baixa terminou e a política monetária deve seguir restritiva num quadro fiscal desafiador. No mesmo sentido, o agronegócio e as exportações devem contribuir muito pouco.

Assim, os únicos vetores positivos deverão ser a normalização completa da cadeia de suprimentos e a redução dos custos de produção, o suficiente, espera-se, para levar a produção industrial brasileira e gaúcha a crescer num ritmo próximo da unidade: +1,1% e +1,4%, respectivamente. Já o Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), que resume o comportamento de seis indicadores de conjuntura da indústria gaúcha, deve crescer 2,1%.

Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil
(Var. % acum. no ano)

	2021	2022*	2023*
Indústria extrativa	1,0	-3,7	-0,1
Indústria de transformação	4,3	-0,2	1,2
Indústria Total	3,9	-0,6	1,1

Fonte: IBGE/PIM-PF. * Previsão FIERGS/UEE.

Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS
(Var. % acum. no ano)

	2021	2022*	2023*
Faturamento real	8,9	6,5	3,4
Horas trabalhadas na produção	15,2	9,8	2,5
Emprego	6,7	6,4	1,6
Massa salarial real	5,3	10,4	3,3
UCI (em p.p.)	5,7	-0,9	0,7
Compras industriais	31,2	4,7	2,1
Índice de Desempenho Industrial	12,9	5,5	2,1
Produção Industrial	9,0	1,2	1,4

Fonte: IBGE/PIM- PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. * Previsão FIERGS/UEE.